
Poison

Veneno

Elemental Assassin 0.5



Jennifer Estep



Este conto ocorre quando Gin é uma adolescente e é contado pelo ponto de vista de Finnegan Lane, o irmão adotivo de Gin.



Eu odiava a garota.

Eu odiava tudo sobre ela, desde seu corpo dolorosamente magro, seus olhos grandes e feridos até sua ânsia absoluta para fazer tudo o que meu pai, Fletcher Lane, dissesse a ela para fazer.

Mas especialmente, eu odiava o fato de que o meu pai tenha decidido treiná-la para ser uma assassina em vez de mim.

A garota colocou um milkshake[1] de chocolate triplo no balcão em frente a mim.

— Aqui está, Finn.

Sua voz era suave, como tudo sobre ela. Cabelo castanho suave, olhos cinzentos suaves, corpo macio e pequeno. Mesmo as roupas dela eram macias, grandes e largas, e totalmente esquecíveis. Ela nunca levantava a voz, ela nunca interrompia uma conversa, ela nunca fazia nada minimamente perigoso, impertinente ou arriscado. Era como se ela estivesse determinada a atrair tão pouca atenção para si mesma quanto possível e a se misturar com o plano de fundo não importa o quê.

Ela me irritava como o inferno.

Nem sequer disse obrigado quando enfiei um canudo na mistura espumosa e comecei a beber o milkshake.

— Você gosta? — A menina perguntou, um pouco de esperança rastejando em sua voz. — Eu segui a receita de Fletcher, mas então decidi adicionar mais chocolate para torná-lo realmente saboroso e cremoso.

[1] Bebida que combina leite e sorvete batidos.

O milkshake estava maravilhoso, absolutamente maravilhoso, e ainda melhor do que os que o meu pai fazia para mim aqui no Pork Pit. Mas eu não estava prestes a dizer-lhe isso. Na maioria dos dias, eu nem sequer me preocupava em falar com ela.

Grunhi. — Vai servir, eu suponho.

Por trás do balcão, Sophia Deveraux me deu um olhar afiado. A maioria das pessoas teria sido intimidada pelo olhar, já que a anã musculosa era tão dura e contundente como a menina era suave. Sophia usava preto sólido desde o fundo de suas botas pesadas a T-shirt que lhe cobria o peito, até o colar de couro que estava enrolado em seu pescoço. Mesmo o cabelo era preto, e ela tinha os lábios pintados da mesma cor escura. Sophia era o verdadeiro negócio — uma gótica completa e verdadeiramente. Ela fazia os aspirantes do meu ensino médio, parecerem como crianças brincando de fantasia, o que, naturalmente, eles eram.

O olhar afiado de Sophia não me perturbou nem um pouco, visto que eu sabia que tinha tanto Sophia como sua irmã mais velha, Jo-Jo, presas em torno de meu dedo. As anãs tinham ajudado meu pai a educar-me, e eu sabia que elas pensavam em mim como seu próprio filho. Por alguma razão, embora, tanto Sophia como Jo-Jo tinham tomado um gosto imediato pela garota, fazendo tanta agitação sobre ela como faziam por mim. Eu não sabia por quê. Eu não achava que havia algo a gostar em Gin.

Gin — era isso que a garota chamava a si mesma. Heh. Todos sabiam que não era seu verdadeiro nome, mas meu pai aceitou mesmo assim. Ele tinha até mesmo dado a ela um sobrenome também - Blanco. Gin Blanco. Como se isso não fosse à coisa mais cafona que alguém já tinha ouvido falar.

Mas papai não tinha parado aí. Ele tinha criado uma identidade totalmente nova para a garota, alegando que ela era alguma prima distante dele que ele havia aceitado depois de sua família ter morrido em um acidente de carro. Ela estava conosco há várias semanas, e meu pai tinha comprado as roupas dela, tinha a alimentado e até mesmo a tinha matriculado na escola comigo.

Contudo, como ela tinha treze anos e eu tinha quinze, ela não estava na minha classe. Uma pequena coisa para me fazer feliz.

Dado que eu estava cansado de olhar para Gin, girei em torno de meu banco, ainda bebendo o milkshake. Era uma tarde de segunda-feira, e o negócio estava um pouco lento no Pork Pit, o restaurante de churrasco do meu pai no centro de Ashland. Apenas alguns clientes estavam sentados nas cabines de vinil azul e rosa em frente à vitrine, embora estivessem todos comendo sanduíches de churrasco, feijão cozido, e batatas fritas grossos com entusiasmo óbvio.

Uma garota da minha idade pousou o guardanapo, deslizou para fora de sua cabine, e começou a seguir as pegadas de porco cor-de-rosa no chão para o banheiro das mulheres. Eu sorri para ela enquanto ela passava. Ela parou um momento para olhar para mim, e meu sorriso alargou. Com o meu cabelo cor de noz e os olhos verdes, eu era a cara de meu pai e tão bonito quanto ele. Pisquei para a garota, que riu, abaixou a cabeça, e seguiu a correr.

Normalmente, o meu pai, Fletcher Lane, teria estado aqui, sentado num banquinho atrás da caixa registradora e lendo um livro entre ajudar Gin e Sophia na churrasqueira. Mas o pai estava fora em um de seus trabalhos hoje à noite, matando pessoas por dinheiro. Sendo o assassino Tin Man, isso era algo em que ele era excepcionalmente bom.

E agora, ele estava determinado a ensinar tudo o que sabia a Gin.

Ele me contou sobre seu plano ontem à noite, mesmo que eu já tivesse visto isso vindo muito antes. Algumas semanas atrás, um homem chamado Douglas, um dos clientes descontentes do pai, tinha invadido o restaurante e quase o matou. De fato, Douglas teria matado o papai e a mim também — se Gin não o tivesse esfaqueado até a morte com a faca que ela estava usando para cortar cebolas no momento.

Por alguma razão, o pai pensou que Gin seria uma excelente candidata para se tornar uma assassina, assim como ele. Inferno, ele já tinha dado a ela um nome - Spider[2]. Outro nome falso e brega para ir junto com o outro.

[2] Aranha.

Era a *mim* que ele devia estar a planejar treinar — eu que era seu filho, sua carne e sangue. Minha mãe morreu quando eu era criança, e sempre tinha sido apenas nós os dois. Eu só não entendia o que meu pai via em Gin que ele não via em mim. O que ele pensava que ela tinha que eu não tinha. Eu era mais velho que ela, mais inteligente, mais forte, mais resistente. Eu já era tão bom a atirar como meu pai era com suas armas. Eu queria aprender o resto do negócio também, mas meu pai não via as coisas dessa forma. Ele disse que Gin seria melhor assassina, que tinha paciência para isso, e eu não.

Isso ainda machucava mais do que qualquer outra coisa que ele me dissera até então.

O milkshake azedou no meu estômago, e de repente eu me sentia como se tivesse bebido veneno em vez de chocolate derretido. Talvez eu tivesse. Eu vi o que Gin tinha feito para Douglas com essa faca. Ela esfaqueou Douglas uma e outra vez como se ele fosse uma piñata que ela estava rebentando para soltar todos os doces. Eu não a considerava incapaz de nada, nem mesmo me eliminar para que ela pudesse ter o meu pai só para ela.

Voltei-me para o balcão que atravessava a parede de trás do restaurante, coloquei o meu copo vazio para baixo e afastei-o com um dedo.

— Você deve ter gostado, — Gin disse, ainda olhando para mim. — Você bebeu tudo.

Em vez de responder a ela, eu me levantei, peguei minha jaqueta de couro do banquinho ao meu lado, e coloquei-a. Era o segundo casaco que eu tinha comprado em duas semanas. Gin tinha dado a minha primeira jaqueta para um garoto sem-teto, simplesmente a pegou do cabide no restaurante como se fosse dela, em vez de minha. Outra coisa que ela tinha feito para me irritar. Esse sentimento venenoso enrolou no meu estômago, queimando como o ácido.

— Que seja, — eu disse. — Estou dando o fora daqui.

— Para onde? — Sophia perguntou em sua voz áspera e quebrada.

Dei de ombros. — Fui convidado para uma festa. Estou pensando em ir e me divertir.

Gin franziu o cenho. — Aquela que Fletcher disse na semana passada que você não podia ir?

Eu não disse nada.

— Fletcher não vai gostar disso, — Gin disse naquela voz macia de novo, aquela que me fazia cerrar os dentes juntos. — Especialmente dado que é em Southtown. É por isso que ele disse que você não podia ir, em primeiro lugar. Porque é perigoso lá.

Ao lado de Gin, Sophia grunhiu seu acordo.

— Eu não ligo para o que papai gosta ou não, — eu rosnei. — Porque ele certamente não dá a mínima para o que eu gosto ou não. Por exemplo, eu não gostei quando ele trouxe você aqui. Eu ainda não gosto. Mas, mesmo assim, aqui está você de qualquer maneira.

Gin não vacilou com minhas palavras, mas por um momento, o mais fraco lampejo de dor encheu seus olhos. Por alguma razão, isso me fez sentir como uma merda.

— Finn, — Sophia rosnou, claramente querendo que eu pedisse desculpa.

Por um momento, eu abri minha boca, com a intenção de fazer exatamente isso - para forçar um rude Desculpe. Eu sabia que Gin tinha passado por algo horrível, algo que a obrigou a viver nas ruas. Inferno, eu tinha visto as cicatrizes da runa de Aranha que haviam sido marcadas nas palmas de suas mãos, um pequeno círculo rodeado por oito raios finos, uma em cada mão. Mas eu só não entendia como ou por que seus problemas se tornaram problemas do papai - e agora, meus também.

— Está tudo bem, Sophia, — Gin disse. — Deixe-o ir.

Então, ela se virou, pegou uma faca, e começou a cortar um tomate. Isso foi tudo que ela fez. Ela não gritou ou berrou comigo, e ela não me deu outro olhar ferido. Ela simplesmente se virou e continuou sua

tarefa como se eu nem estivesse lá, como se eu nem sequer *importasse* para ela ou qualquer outra pessoa.

Ela não tinha o direito de fazer isso, nenhum fodido direito. Este era o restaurante do meu pai, não dela. Ele era *meu* pai, não dela. Mas ali estava ela, lentamente pegando e levando tudo o que era meu.

O ácido venenoso inundou minhas veias outra vez, queimando ainda mais quente do que antes. Eu não ia pedir desculpas a ela. Nem agora, nem nunca.

Comecei a andar, abri a porta e saí do restaurante sem olhar para trás.

Eu tinha bebido demasiado. Ou talvez apenas o suficiente. Era difícil dizer. Tudo parecia suave e nebuloso no escuro.

A festa tinha sido realizada em um prédio abandonado em Southtown, a parte de Ashland que era a casa de prostitutas vampiras, cafetões, vagabundos e sem-teto. Tinha havido muita música alta, muitas garotas, e muita bebida. Tudo o resto estava um pouco confuso. Agora, eu estava andando de volta para o Pork Pit, planejando usar minha chave para entrar no restaurante para que eu pudesse dormir em um dos bancos durante a noite. Pai me daria o inferno pela manhã por desobedecê-lo, mas ir à festa tinha valido a pena.

Ficar longe de Gin por uma noite tinha valido a pena.

Eu e alguns amigos abandonámos juntos o edifício, mas, um por um, meus amigos tinham ido, indo por seus respectivos caminhos, até que era só eu. Eu não estava muito preocupado, no entanto. Só faltavam cerca de dez quarteirões até ao Pork Pit. Eu podia suportar mais dez quarteirões antes de desmaiar…

Um minuto, eu estava cambaleando pela rua, tentando não tropeçar nas rachaduras na calçada. No seguinte, eu estava preso contra a lateral de um edifício por dois rapazes, com outro cara na frente de mim, segurando uma faca. Mas eu ainda não estava muito preocupado. Assaltos eram tão comuns como o amanhecer em Ashland, especialmente aqui em Southtown.

— Hey, hey, — eu disse, dando-lhes um sorriso torto. — Não há necessidade de dificultar as coisas. Pegue a minha carteira, se quiser, embora eu tenha que avisá-los, que não há muito lá dentro.

— Não se preocupe garoto bonito, — O cara com a faca, disse. — Nós vamos. E nós vamos pegar o seu sangue também. Até a última gota.

Ele sorriu, revelando dois dentes escuros e manchados de tabaco em sua boca. Ah, infernos. Eles eram vampiros. Famintos também, pela forma como estavam me olhando.

De repente, fiquei extremamente preocupado.

Se eu estivesse sóbrio, eu provavelmente poderia ter lutado e me libertado dos dois vampiros que me agarravam, e depois teria corrido como o diabo. Mas eu não estava sóbrio e o terceiro cara tinha uma faca. As chances não estavam a meu favor. Ainda assim, eu comecei a lutar de qualquer forma, mas os meus membros estavam lentos e pesados, como se eu estivesse tentando lutar através da água. Os vampiros apenas riram de mim e me agarraram com mais força. Droga. Se eu saisse desta em uma única peça, eu nunca iria beber novamente. Bem, não durante um mês pelo menos.

— Segure-o quieto, — disse o cara com a faca.

Um dos outros vampiros forçou minha cabeça para trás contra o tijolo frio, expondo o meu pescoço. O vampiro com a faca lambeu os lábios e se inclinou para frente. Eu estremeci, esperando a dor que eu tinha certeza que ia sentir de sua mordida viciosa.

— Uh.

Por alguma razão, em vez de rasgar meu pescoço com seus dentes, o vampiro soltou um grunhido baixo e caiu para frente, pressionando o corpo contra o meu.

— Blake? — Um dos outros vampiros disse, olhando para seu amigo. — Que diabos você está fazendo? Pare de brincar. O resto de nós quer um gosto também.

Ele estendeu a mão e sacudiu Blake, que caiu para trás e aterrou em uma pilha na calçada.

— Que diabos? — disse o terceiro cara.

Eu não lhes estava mais prestando atenção. Em vez disso, eu estava olhando para a figura esguia na minha frente - Gin Blanco.

Ela parecia bastante ridícula, ali de pé no escuro em seu jeans largo e casaco de lã, o cabelo puxado para trás em um rabo-de-cavalo, segurando uma faca ensanguentada na mão direita e uma limpa na esquerda. Eu reconheci as facas de Silverstone. Eram duas que meu pai lhe dera para começar a praticar — e ela acabou de usar uma delas para salvar a minha vida.

— Deixem-no em paz, — Gin disse em uma voz que era tão dura quanto o tijolo do edifício acima de nossas cabeças.

E subitamente, eu vi o que meu pai vira nela — a feroz determinação, a força de vontade, a lealdade inquebrável. Embora eu a tivesse tratado como merda hoje à noite, a tivesse tratado como merda todas as noites desde que meu pai a tinha acolhido, Gin ainda se tinha importado o suficiente para me seguir até casa depois da festa apenas para ter certeza que eu voltava a salvo para o Pork Pit.

Eu sabia isso tão instintivamente como sabia que não iria tratá-la mal novamente — nunca mais.

Os dois vampiros se entreolharam, depois para seu camarada caído, e então de volta para Gin. Eles me soltaram e se lançaram para ela. Gin estava à espera deles. Ela esfaqueou o primeiro cara no peito, enfiando a lâmina em seu coração. Ele caiu sem fazer outro som. Mas o outro cara foi mais rápido do que ela. Ele conseguiu levá-la ao chão e

começou a agarrá-la, tentado tirar as facas de suas mãos. Mas Gin lutou tão duro quanto ele, tentando esfaqueá-lo até a morte antes que ele conseguisse afastar as armas dela.

Minha cabeça clareou, eu andei para frente, cavei minhas mãos na camisa do vampiro, e puxei-o de cima dela. Forcei o cara à minha esquerda e bati sua cabeça contra a parede de tijolos. Ele gemeu e se debateu contra mim com os braços, então eu o balancei para trás e, em seguida, empurrei-o para frente. Uma e outra vez, até que sua cabeça era uma massa sangrenta de carne. Então, eu o libertei. Ele não se levantou novamente.

Em um minuto, tudo estava acabado. Gin e eu ficámos ali, com a respiração pesada, enquanto os corpos dos vampiros esfriavam aos nossos pés. Olhei para cima e para baixo na rua e escutei, mas não vi nem ouvi ninguém. Bom. O fato de a rua estar deserta tinha-me colocado nesta bagunça em primeiro lugar, e agora, ia me tirar dela. Assassinatos eram tão comuns como assaltos em no Southtown, e eu sabia que a polícia não iria procurar muito pelos assassinos dos vampiros.

Então, eu olhei para Gin, com todo o tipo de questões em meus olhos verdes.

— Eu te segui até à festa, — disse ela. — E me escondi no exterior até que você saiu do edifício.

Era perto da meia-noite agora, e eu estivera na festa por várias horas. Eu não podia acreditar que ela tinha passado todo esse tempo esperando que eu fosse embora. Certamente eu não teria tido paciência para esse tipo de coisa - nem teria sido precavido o suficiente para fazê-lo em primeiro lugar. Talvez meu pai estivesse certo sobre Gin. Talvez ele estivesse certo sobre um monte de coisas.

— Por quê?

Ela franziu a testa, como se a resposta fosse ser óbvia. — Fletcher não gostaria que nada acontecesse com você. Nem eu.

E simples assim, toda a inveja venenosa que eu sentia em relação a ela desapareceu. Ela estava tentando tão duro - agradar meu pai, me agradar. O mínimo que eu podia fazer era encontrá-la na metade do caminho, especialmente dado que ela acabara de salvar minha vida. Talvez alguma da magia elementar do Ar de Jo-Jo estivesse me afetando, mas eu tive uma sensação engraçada de que esta não seria a última vez que Gin me tiraria de uma situação difícil. Eu só esperava que eu pudesse fazer o mesmo por ela um dia.

— Vamos, Gin, — eu disse, estendendo a minha mão para ela. — Vamos para casa.

Ela limpou a faca com sangue em uma das camisas dos vampiros e deslizou-a de volta na manga de sua jaqueta. Gin também limpou as mãos antes de deslizar sua mão esquerda na minha. Seus dedos eram pequenos, quentes e forte na minha própria mão.

Deixámos os corpos dos vampiros para trás e, juntos, fomos para o Pork Pit.

Fim

Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar.** Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503



All Creatures of the night get together ***After dark***

AFTER DARK